



***TRAJETÓRIAS EM EDUCAÇÃO SEXUAL DE JOVENS ADULTOS NO
DISTRITO FEDERAL, BRASIL***

***TRAYECTORIAS EN EDUCACIÓN SEXUAL DE JÓVENES ADULTOS EN EL
DISTRITO FEDERAL, BRASIL***

***TRAJECTORIES OF SEXUAL EDUCATION OF YOUNG ADULTS IN THE
FEDERAL DISTRICT, BRAZIL***

Silvia Beatriz Moreno Diniz¹

Alice Salgado Oliveira²

Cláudia de Oliveira Alves³

RESUMO

A Educação Sexual se configura como importante caminho para vivências saudáveis em sexualidade. Nesse sentido, o estudo investigou a percepção de jovens adultos sobre as práticas de Educação Sexual, através de suas trajetórias e suas leituras sociais. Foram realizadas entrevistas com 10 jovens adultos, e suas respostas foram categorizadas a partir da análise temática, resultando em três categorias: “Vivenciando a Educação Sexual”, “Percepções sobre sexualidade e Educação Sexual” e “Pistas para a Educação Sexual”. Ficou destacada que a aprendizagem se dá principalmente através das vias informais de aprendizado, ao passo que as vias formais fornecem conteúdos biologizantes, insuficientes ou pouco efetivos. Além disso, também foi apontada a relevância da temática, e o desejo de que novas perspectivas em Educação Sexual sejam traçadas, tanto no âmbito das políticas públicas quanto no âmbito familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual, Sexualidade, Jovens Adultos.

RESUMEN

La Educación Sexual se configura como un camino importante para experiencias saludables en sexualidad. En este sentido, el estudio investigó la percepción de jóvenes adultos sobre las prácticas de Educación Sexual, a través de sus trayectorias y sus lecturas sociales. Se realizaron entrevistas con 10 jóvenes adultos, y sus respuestas fueron

¹ Mestranda em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar. Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil.

² Residente em Gestão de Políticas Públicas em Saúde: Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SESDF), Brasília, Distrito Federal, Brasil.

³ Doutora em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

categorizadas a partir del análisis temático, resultando en tres categorías: “Viviendo la Educación Sexual”, “Percepciones sobre sexualidad y Educación Sexual” y “Pistas para la Educación Sexual”. Se destacó que el aprendizaje ocurre principalmente a través de vías informales, mientras que los canales formales brindan únicamente contenidos de carácter biológico, además de ser insuficientes e ineficaces. Además, se señaló la relevancia del tema y el deseo de que se tracen nuevas perspectivas en Educación Sexual, tanto en el ámbito de las políticas públicas como en el ámbito familiar.

PALABRAS-CLAVE: Educación Sexual, Sexualidad, Jóvenes Adultos.

ABSTRACT

Sexual Education is an important pathway to healthy experiences in sexuality. In this context, the study investigated young adults' perceptions of Sexual Education practices through their life trajectories and critical interpretations of social context. Interviews were conducted with 10 young adults, and their responses were categorized using thematic analysis, resulting in three categories: “Experiencing Sexual Education,” “Perceptions of Sexuality and Sexual Education,” and “Guidelines for Sexual Education.” The study highlighted that learning primarily occurs through informal educational pathways, while formal education provides biologically-based, insufficient or ineffective content. Additionally, participants emphasized the relevance of the topic and expressed a desire for new perspectives on Sexual Education to be developed, both in public policies and within the family environment.

KEYWORDS: Sex Education, Sexuality, Young Adults

Introdução

A Educação Sexual é definida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2019) como a transmissão de conhecimentos sobre sexualidade, incluindo comportamentos saudáveis e outras habilidades essenciais para a vida sexual. Expandindo tal perspectiva, Nilson Dinis e Araci Asinelli-Luz (2007) definem Educação Sexual como uma forma de questionar as normas sociais impostas à vivência da sexualidade, que colaboram para visões rígidas sobre a expressão da sexualidade. Desse modo, para essas autoras, para além do desenvolvimento de habilidades, a Educação Sexual deve servir como uma forma de construção/desconstrução sobre as formas de prazer com o corpo, permitindo vivências diversas em sexualidade. No entanto, tanto no campo acadêmico quanto no social, a sexualidade ainda é frequentemente compreendida de forma reducionista, limitada ao ato sexual e pautada por uma perspectiva biologizante (Guacira Louro, 2019). Muitas vezes,

essa concepção também se reflete nas práticas de Educação Sexual (Greyce Franco-Assis; Ediane Souza; Adriane Barbosa, 2021).

Nesse sentido, é necessário expandir as práticas de Educação Sexual para além do enfrentamento dos altos índices de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e gravidez indesejada, rompendo com a ideia da sexualidade como algo a ser “resolvido” e considerando-a como importante dimensão da pessoa humana. Franco-Assis, Souza e Barbosa (2021) discutem a temática de Educação Sexual para além dos aspectos biológicos no contexto escolar, por exemplo, enfatizando que muitas das ações nesses cenários colocam a gravidez na adolescência como temática principal e, por vezes, a única. As autoras propõem que a Educação Sexual esteja presente não somente nas aulas de biologia, como geralmente ocorre, mas também em outras disciplinas como história e sociologia, colocando em evidência o caráter transversal da Educação Sexual.

Apesar de, geralmente, as ações de Educação Sexual centrarem-se no ambiente escolar, é importante destacar outros caminhos em que a Educação Sexual se torna possível. Como apontado por Michael Foucault (1999), os discursos sobre sexualidade ultrapassam a formação escolar, podendo até mesmo ser mais presentes em outras vias, como mídia, família e afins. Desse modo, a Educação Sexual deve estar presente nas mais diversas dimensões da sociedade. É necessário que a Educação Sexual contemple as múltiplas facetas da sexualidade, entendendo-a como um dos processos que possibilitam o conhecimento acerca de temas relacionados à sexualidade (Isabella Campos; Jean Miranda, 2022).

A história da Educação Sexual no Brasil demonstra que essa área se desenvolveu por meio de práticas com foco na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (Milene Furlanetto et al., 2018). No entanto, apesar desse percurso histórico da Educação Sexual brasileira, práticas de Educação Sexual devem estar alinhadas com a promoção de melhor autocompreensão, além de fortalecer ou criar espaços seguros para vivenciá-la de maneira plena e livre de preconceitos. Além disso, destaca-se também o seu caráter de promoção da saúde (Mirielli Figueiredo, 2020; OMS, 2015). É possível pensar a Educação Sexual como uma estratégia política e social no enfrentamento de barreiras na produção de saúde, além de contribuir ativamente na mitigação de múltiplas vulnerabilidades e aumento da qualidade de vida de coletivos e indivíduos (Fernanda Mattioni et al., 2022).

Alguns estudos evidenciam a relevância de ações em Educação Sexual contemplarem questões além de aspectos biológicos. O estudo de Stella Taquette et al.

(2010), que investigou a relação entre gênero, raça e sexualidade em uma pesquisa qualitativa, demonstrou que o racismo vivenciado por jovens impacta fortemente a construção da autoimagem. Além disso, essas experiências são acompanhadas de violência de gênero e dificuldade de acesso à serviços promotores de saúde sexual. Outro estudo realizado por Diogo Sousa e Jorge Iriart (2018) demonstra que a população trans masculina enfrenta diversas barreiras no acesso à saúde, seja por patologização dos seus corpos, seja por desinformação/ignorância dos profissionais de saúde. Desse modo, investir em ações, práticas e políticas em Educação Sexual que contemplem a interação entre aspectos biológicos e sociais e políticos se torna de extrema relevância para que estas sejam intervenções contextualizadas, efetivas, relevantes socialmente e de alto impacto.

Apesar dos avanços na prática em Educação Sexual ao longo das décadas, como a criação de políticas públicas, criação de projetos e leis voltadas para a temática, ainda é possível notar lacunas, implicando diretamente na perpetuação de discursos violentos sobre a sexualidade (Furlanetto et al., 2018). Acrescido a isso, nota-se pouca participação social da juventude na formação das políticas sobre a temática. A participação dessas pessoas jovens na formação de políticas, principalmente naquelas voltadas para a própria juventude, é fundamental para a criação de políticas efetivas (Jadir Zaro; André Custódio, 2019). A baixa representatividade e a pouca disseminação de seu conteúdo resulta em uma responsabilidade quase que exclusiva de professores e/ou instituições determinarem quais temáticas serão trabalhadas (Nívea Moraes; Zara Guimarães; João Menezes 2021). Esse cenário configura uma sobrecarga dos docentes, além de uma distância entre as políticas pensadas e as necessidades concretas destes estudantes.

O estudo de Cátia Viçosa et al. (2020) explorou o conhecimento sobre Educação Sexual de 110 estudantes de uma escola pública do Rio Grande do Sul. A coleta foi feita através de um questionário, acrescido de uma dinâmica com os alunos. Os achados do estudo indicam que a maioria dos estudantes relata ter conhecimento sobre a temática. Porém, os conteúdos conhecidos, em sua maioria, diziam respeito a aspectos biológicos, como reprodução, doenças, dentre outros. Além disso, observou-se grande interesse dos estudantes em discutir o tema. Em outro estudo, Murilo Eliseu, Yaran Yared e Patrícia Mendes (2022) investigaram como os professores de uma escola de ensino fundamental abordam as temáticas de Educação Sexual em sala de aula. Os resultados apontam que menos da metade receberam algum tipo de formação sobre a temática. Além disso, muitos relatam que as temáticas de sexualidade são tratadas de forma implícita, ou seja, não

existe no espaço escolar uma intervenção estruturada e direcionada para a temática. Também, a maioria dos professores associou sexualidade apenas a aspectos biológicos, como reprodução e ISTs.

No âmbito da família, conforme afirmam Camila Burchard, Luciana Barbosa e Jaqueline Copetti (2020) se torna necessário, para uma Educação Sexual bem sucedida, a integração dos agentes de Educação Sexual com os cuidadores, levando em consideração que muitas vezes os pais são resistentes à temática, dificultando o processo de aprendizagem. Quando integrada e executada de maneira efetiva, a Educação Sexual, implica em claros benefícios, reduzindo taxas de ISTs, promovendo a aceitação da diversidade sexual, prevenindo abuso sexual infantil e atuando na melhora da inclusão da comunidade LGBTQIAP+ (Laura Firme et al., 2023).

Com isso, destaca-se que a Educação Sexual na infância e na adolescência é fundamental não apenas para essas etapas da vida, mas também ao longo de toda a vida. Na transição para a vida adulta, período reconhecido como de intensas mudanças, inseguranças e redefinições identitárias, as experiências em sexualidade tendem a se ampliar, e podem ser marcadas por maiores exposições a novos contextos de riscos desconhecidos (Larry Nelson, 2021). Diante disso, a Educação Sexual pode oferecer subsídios na compreensão crítica dessas experiências, contribuindo para decisões mais conscientes e para a promoção da autonomia sexual (Andressa Souza; Camélia Murgo, 2024).

Faz-se necessário, então, refletir sobre o percurso e percepções sobre Educação Sexual de jovens adultos. O estudo de Everton Pinho e Juliana Pariz (2024) relata que adultos, entre 19 e 38 anos, buscam, principalmente na internet e nas redes sociais, informações relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero. Os resultados mostraram que muitos gostariam de ter tido apoio profissional antes das primeiras experiências sexuais. Logo, ao pensar na trajetória de jovens adultos sob temáticas que envolvem a Educação Sexual, torna-se possível construir novos caminhos para as gerações futuras.

A partir dos estudos mencionados, percebe-se a importância de investigar a percepção das pessoas envolvidas no processo de Educação Sexual sobre as possíveis temáticas envolvidas. Por meio dessa análise é possível refletir sobre as lacunas e potencialidades dos processos de Educação Sexual. Se torna imprescindível, também, estudos com aqueles que ocuparam os espaços de educação. O sistema educacional enfrenta diversos desafios, como a falta de uma abordagem abrangente, falta de

preparação dos educadores, falta de espaços para um diálogo sobre sexualidade, além de preconceitos e a falta de abertura familiar para que esses assuntos sejam abordados com os(as) filhos(as) (Beatriz Pereira et al., 2024).

Diante desse cenário, as perguntas de pesquisa que guiaram o presente estudo foram: Qual a percepção de jovens adultos do Distrito Federal sobre Educação Sexual? Os seus entendimentos sobre essa educação contemplam múltiplas possibilidades de subjetivar? Como foram suas experiências com a temática no decorrer do desenvolvimento? A partir da investigação desses aspectos, pretende-se contribuir para a construção de reflexões que possam resultar em potencialidades de prevenção e promoção de saúde para jovens. Dessa forma, a pesquisa teve por objetivo compreender a percepção de jovens adultos sobre Educação sexual e a experiência destes com o tema. Como objetivos secundários, buscou-se: (1) investigar qual a relação entre a percepção desses jovens sobre Educação Sexual e a própria trajetória, (2) analisar as interseccionalidades de classe, raça e gênero na Educação Sexual contemporânea, (3) Abrir possibilidades de reflexão sobre uma Educação Sexual saudável e suas potencialidades.

Procedimentos Metodológicos

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter descritivo (José Bueno, 2018). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas presenciais com 10 pessoas jovens, selecionadas por meio de uma amostra por conveniência. Os critérios de inclusão definidos foram: residir no Distrito Federal há pelo menos 10 anos, ter entre 18 e 24 anos, concordar com os termos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e assinar a autorização para uso de imagem e som. Os dados sociodemográficos das pessoas participantes foram coletados de forma digital.

A média de idade das pessoas participantes foi de 20,6 anos ($S=2,32$), sendo a maioria da amostra de estudantes de graduação ($n=7$) e os demais com ensino médio completo ($n=3$). A maioria das pessoas entrevistadas passou pela rede pública de ensino em sua trajetória, sendo metade ($n=5$) com trajetória escolar completa na rede pública de ensino e quatro participantes ($n=4$) com a maior parte de sua trajetória na rede pública de ensino. Uma única participante realizou toda a sua trajetória na rede particular ($n=1$). No quesito raça/etnia, a maioria das participantes se declarou como parda ($n=5$), seguido de branca ($n=3$), negra ($n=1$) e uma pessoa participante optou por não declarar ($n=1$). A pesquisa foi realizada majoritariamente com mulheres cis ($n=9$) e um homem cis ($n=1$).

Em relação à orientação sexual, quatro participantes se declararam como bissexuais (n=4), três como heterossexuais (n=3), dois como pansexuais (n=2) e uma como homossexual (n=1). A Tabela 1 apresenta a caracterização detalhada das pessoas participantes.

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica dos participantes

Participante	Idade	Escolaridade	Local da trajetória escolar	Raça/etnia	Identidade de gênero	Orientação sexual
1	18	Superior Incompleto	A maior parte em escola pública	Parda	Mulher Cis	Homossexual
2	18	Superior Incompleto	O ensino todo em escola pública	Prefiro não declarar	Mulher Cis	Bissexual
3	21	Ensino Médio Completo	O ensino todo em escola pública	Parda	Homem Cis	Bissexual
4	24	Superior Incompleto	O ensino todo em escola particular	Parda	Mulher Cis	Heterossexual
5	21	Superior Incompleto	O ensino todo em escola particular	Branca	Mulher Cis	Heterossexual
6	24	Superior Incompleto	O ensino todo em escola pública	Parda	Mulher Cis	Pansexual
7	22	Superior Incompleto	O ensino todo em escola pública	Parda	Mulher Cis	Pansexual
8	18	Ensino Médio Completo	O ensino todo em escola particular	Branca	Mulher Cis	Heterossexual
9	19	Ensino Médio Completo	O ensino todo em escola pública	Branca	Homem Cis	Bissexual
10	21	Superior Incompleto	O ensino todo em escola particular	Negra	Mulher Cis	Bissexual

Fonte: autoras, 2025

Para convite e seleção de participantes, foi elaborado um formulário que investigava a disponibilidade de horário, coletava informações de contato e apresentava um questionário sociodemográfico. Posteriormente, foram realizados encontros presenciais, para apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e condução das entrevistas, com o apoio de um roteiro de perguntas que abordava experiências e concepções sobre a Educação Sexual no Brasil: O que você entende como Educação Sexual e quais temas considera cruciais para uma boa Educação Sexual? Você teve contato com Educação Sexual em algum momento? Como foi essa experiência e onde ocorreu? De que maneira a Educação Sexual impactou sua vida, caso tenha tido algum impacto? Em que etapas do seu desenvolvimento você teve contato com esse tema?

Como você acredita que está a situação da Educação Sexual no Brasil atualmente? Você conhece alguma política ou ação relacionada ao assunto? E, por fim, como você gostaria que a Educação Sexual fosse abordada? Tais perguntas permitiram aprofundar o tema, garantindo o compromisso ético dos pesquisadores em priorizar o bem-estar dos participantes sobre a coleta de dados.

O procedimento de análise dos dados baseou-se na análise de narrativas, fundamentada pela análise temática (Virginia Braun; Vitória Clark, 2008). Inicialmente, as entrevistas foram transcritas para formato textual e lidas coletivamente pelas integrantes do projeto. Posteriormente, as falas das pessoas participantes foram codificadas e agrupadas por afinidade de temas. Os agrupamentos formaram categorias temáticas, divididas em subcategorias para maior aprofundamento dos assuntos tratados nas entrevistas. As categorizações foram apresentadas em três tabelas descritivas, que detalham cada uma das categorias encontradas: Vivenciando a Educação Sexual; Percepções sobre sexualidade e Educação Sexual; e Pistas para a Educação Sexual.

Todas as etapas do estudo foram conduzidas seguindo as orientações éticas das normativas vigentes e contou com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS), parecer número 6.156.265, assegurando o compromisso ético.

Vivenciando a educação sexual (categoria 1)

Então vai chegar aquele professor que vai falar 'Não, se você transar sem camisinha, vai ficar com sífilis, vai ficar com peneira, não sei o que'.

(Participante 4).

A Categoria 1, “Vivenciando a Educação Sexual” (37% do corpo textual) apresenta experiências das pessoas entrevistadas sobre suas vivências com Educação Sexual ao longo de suas vidas. As vivências foram moldadas em diferentes estágios do desenvolvimento, desde a infância até a vida adulta, e nos diferentes territórios pelos quais as pessoas transitaram. As experiências podem variar de acordo com o ambiente familiar, escolar, saúde ou ambientes alternativos, refletindo como as informações sobre sexualidade foram recebidas, interpretadas e internalizadas ao longo do tempo.

Organizadas por espaços onde ocorreu o contato com a Educação Sexual (ES), nesta categoria foram encontradas 4 subcategorias: (1) Aprendizado por Vias

Alternativas, (2) Experiências Escolares, (3) Experiências familiares e (4) Experiências na Saúde. As subcategorias encontram-se descritas na Tabela 2.

Tabela 2: Categoria “Vivenciando a Educação Sexual” e suas subcategorias.

Categoria 1- Vivenciando a Educação Sexual	
Subcategorias	Descrição
Experiências Familiares: Relato de experiências que ocorreram no contexto da família	Evidencia experiências de abertura para diálogos sobre sexualidade na família como episódicas, em geral a partir de uma única figura de referência. Tais episódios atrelam-se a marcos do desenvolvimento, como primeira menstruação, início da puberdade ou primeiro relacionamento afetivo. Realça a sexualidade enquanto tabu no ambiente familiar, centralizada em processos educativos para a heteronormatividade e para prevenção e proteção ligadas ao ato sexual.
Experiências na Saúde: Relato de experiências que ocorrerem em campos relacionados a serviços e profissionais saúde	Coloca em evidência o papel das figuras de referência de serviços de saúde hospitalares, na atenção primária e na rede privada: a ES iniciada por profissionais, o aprendizado através da demanda de saúde e os incômodos com o profissional da saúde. Esses aspectos refletem na importância de uma formação humanizada e técnica para os profissionais, garantindo um atendimento acolhedor e atuante nas questões de ES.
Experiências Escolares: Relatos de experiências que ocorreram na escola, seja pela via institucional ou dentro do espaço escolar através de outras vias.	Destaca a crítica à ES biologicizante, os contextos escolares que influenciam sua percepção, a troca de informações entre colegas, o papel dos professores de referência e a ES pontual e descontínua. Refletem também sobre os desafios e potencialidades da ES nas escolas, apontando a necessidade de abordagens mais integradas, contínuas e abrangentes.
Aprendizado por Vias Alternativas: Relatos de experiência de aprendizagem que estejam fora do escopo tradicional, isto é, escola e família.	Retrata sobre o aprendizado através da mídia, como redes sociais, TV e outros meios. O aprendizado através das próprias experiências a partir do contato direto com diversas situações e, também, do aprendizado através da experiência de outros por meio da observação e da troca de vivências, além do destaque para as relações entre experiência religiosa. Demonstra a diversidade de caminhos para o aprendizado de temáticas em ES.

Fonte: autoras, 2025

Torna-se relevante destacar que a maioria das experiências consideradas efetivas, relatadas nesta pesquisa, vieram de intervenções de amigos e da mídia. Apesar das redes digitais terem sido citadas como uma maneira de suprir a falta de contato com conteúdos de Educação Sexual, muitos dos participantes relataram que esse uso, por vezes, cunhava na crença de informações equivocadas ou incompletas. Nesse cenário, a pornografia foi um dos objetos de pesquisa sobre sexualidade de alguns dos participantes, que demonstraram incômodo do uso desta para a obtenção de conhecimentos sobre sexualidade. Guilherme Campos et al. (2023) investigam o consumo de pornografia na população brasileira e seus efeitos, analisando também as relações de gênero presentes nesse uso. Os resultados demonstram que existe um uso abundante de pornografia, principalmente para o gênero masculino, e que o acesso a esses conteúdos pode gerar

distorções na vida sexual dos sujeitos, fortalecendo uma visão machista e irreal sobre o ato sexual.

As plataformas digitais também podem resultar no uso de informações errôneas e preconceituosas sobre sexualidade. Alguns dos participantes citaram sobre o uso da internet para busca de informações sobre sexualidade. Entretanto, alguns duvidaram sobre a confiabilidade desses conteúdos, assim como relatado pela seguinte fala: “Você vai na internet, procura, tem esse acesso, mas você não sabe que tipo de informação você tá pegando, tipo, não sabe quem está falando”. (Participante 4)

Humberto Marques et al. (2021) mencionam que as experiências informais em Educação Sexual se configuram como um caminho de aprendizado relevante, uma vez que, em sua maioria, o próprio jovem busca aprender a partir do seu contexto e necessidades. No entanto, a centralidade das experiências positivas das participantes da pesquisa nas formas alternativas de aprendizagem contrasta com a pouca ocorrência de percepções positivas nas instituições formais de aprendizado. Pâmela Danzmann et al. (2022) destacam em revisão de literatura que o contexto familiar é o primeiro procurado por adolescentes para informações sobre Educação Sexual, seguido da escola, e somente em terceiro e quarto lugar os meios tecnológicos e amigos. Desse modo, a abordagem clara e direta sobre Educação Sexual no contexto familiar e escolar poderia ser fonte de prevenção da disseminação de informações irreais sobre sexualidade.

Além disso, assim como é afirmado por Joana Ziller, Daiane Barretos e Kellen Xavier (2023), as mídias tendem a centrar seus discursos em perspectivas cisheteronormativas, reforçando estereótipos e restringindo o espaço de pessoas não normativas de gênero, sexualidade e raça. Assim, a vivência de pessoas LGBTQIAP+ fica cada vez mais em mídias ocultas, enquanto a vivência heteronormativa se encontra nos mais diversos espaços da mídia, inclusive na TV aberta, músicas e afins. Tem-se como exemplo a fala da seguinte participante:

“eu tive que pesquisar, assim, em tudo quanto lugar, tipo e nem...nem sabia como é que...Porque as pessoas sempre não, não se fala sobre proteção para sexo lésbico ou coisas assim, então...Eu pesquisei, eu tive que pesquisar e tudo quanto é lugar, em tudo quanto é site e eu descobri que eles usam aqueles negócios dentários, não é?”
(Participante 1)

A escola também se mostrou um espaço privilegiado de contato com Educação Sexual, contudo, muitas das experiências se limitam aos aspectos biologizantes e a grande

maioria teve seu maior contato somente na aula de ciências e biologia. Isso corrobora com os achados de estudos que citam a centralidade em aspectos biologizantes e do pouco debate sobre os aspectos da sexualidade fora desse escopo (Ana Silva; Maria Alberto, 2022). Além disso, muitos dos participantes citaram a falta de aplicabilidade dos conhecimentos ofertados pela escola, corroborando para a pesquisa dos saberes de colegas de classe e da internet. A exemplo das ideias expostas, a fala de uma das participantes sinaliza que: “É basicamente reprodução mesmo (aula), tipo biologia pura, instintos, órgãos. Os órgãos, todos os órgãos produtores, né? (...) muito mais focado sobre essa questão da reprodução, biologicamente falando”. (Participante 2)

As experiências familiares divergiram, uma vez que alguns participantes mencionaram ter um bom espaço de diálogo com os cuidadores e familiares, enquanto outros relataram a presença de tabu referente à temática dentro de suas famílias:

“Ele não falou sobre... Tipo, acho que... Muito falaram muito sobre tipo, ah, cuidado, porque se algum amiguinho quiser olhar seu pinto, mas, tipo, meus pais não sabem que eu sou bissexual. Não vão saber tão cedo assim...”

(Participante 10)

“Mas com a minha avó, eu acho que assim ela sempre me passou, que eu sempre poderia ser muito livre com a minha sexualidade. Então assim, se eu tivesse me sentido realmente confortável e feliz onde eu estivesse, era para eu explorar mesmo, sabe? Que é bom e tal. A minha avó sempre foi muito aberta.”

(Participante 5)

Apesar da diferença entre as experiências, os resultados demonstraram que a família é essencial no processo de aprendizado sobre sexualidade. Alcilene Andrade, Hemanuely Ricardo e Jéssica Santos (2023) abordam a sexualidade na adolescência, identificando que a maioria dos adolescentes encontram melhores informações sobre sexualidade com amigos. Simultaneamente, o estudo de Pereira et al. (2024) destaca que os principais obstáculos para um diálogo entre pais e filhos sobre questões relacionadas à sexualidade são a vergonha dos cuidadores, a falta de conhecimento, o preconceito, entre outros fatores. A ausência de experiências familiares é somada à escassez de experiências em saúde, onde apenas alguns dos participantes indicaram contato com hospitais e unidades básicas de saúde, demonstrando a necessidade de uma melhoria desses setores em Educação Sexual para a obtenção de informações mais precisas por parte da população jovem.

Dessa forma, a partir do relato dos participantes, percebe-se pouca aproximação das experiências obtidas com seus desejos de aprendizagem, pois muitos buscavam por formas de suprir dúvidas e conhecer mais sobre a temática sem que houvesse algum canal seguro e efetivo.

Percepções sobre sexualidade e educação sexual (Categoria 2)

*“Eu acho que se tivesse mais esclarecimento sobre o sexo, não seria tratado como esse tabu que é tratado, talvez, né.”
(Participante 1)*

Representando 44% do corpo textual, esta categoria foi a mais extensa. Nela, são apresentadas as noções, ideias e entendimentos que os participantes relataram em relação à sexualidade. Engloba tanto as concepções individuais quanto percepções sociais em sexualidade, além das relações entre sociedade, Educação Sexual e a formação dos próprios ideais da Educação Sexual no Brasil. Os relatos dos participantes também abrangem aspectos como leituras de contexto político, orientação sexual, gênero, práticas sexuais, relacionamentos afetivos, normas e tabus. Assim, esta categoria destaca o processo de construção de crenças e como elas são formadas, transmitidas e percebidas no contexto de Educação Sexual. Essa categoria foi articulada em 5 subcategorias: (1) Conceituação de Educação Sexual, (2) Sexualidade e Sociedade, (3) Sexualidade e Identidade, (4) Educação Sexual na sociedade e (5) Percepções da experiência com Educação Sexual. A presença dessa categoria demonstra o engajamento dos participantes em não somente descrever suas experiências, mas também atribuir significado a elas, destacando seus posicionamentos e leituras sociais. A Tabela 3 apresenta os achados nessa categoria.

Tabela 3: Categoria Percepções e suas subcategorias.

Categoria 2 - Percepções sobre sexualidade e Educação Sexual	
Subcategorias	Descrição
Conceituação de ES: Definições práticas e teóricas sobre Educação Sexual e seus contextos.	ES definida como um processo que acompanha as etapas do desenvolvimento humano; Prevenção de problemas como gravidez indesejada ou infecções sexualmente transmissíveis; Promoção do autoconhecimento e a capacidade de tomar decisões conscientes sobre a sexualidade; Ensinaamentos sobre anatomia e funcionamento do corpo; Promoção de uma compreensão ampla da sexualidade, através da abordagem de tabus e mitos.

<p>Sexualidade e Sociedade: Relações entre sexualidade e fatores sociais e biológicos.</p>	<p>Centralidade nas vivências cisheteronormativas na sociedade; Diálogos sobre sexualidade como tabu na sociedade; Juízos de valor sobre a sexualidade de outros; Centralidade das temáticas de gravidez e parentalidades na sociedade; Percepção de desigualdades nos marcadores sociais no acesso à saúde sexual, que evidenciam barreiras estruturais; Repercussões negativas da pornografia no desenvolvimento sexual.</p>
<p>Sexualidade e Identidade: Experiências pessoais sobre orientação sexual e identidade de gênero.</p>	<p>Explora como a orientação sexual e identidade de gênero influenciam a construção do eu, especialmente durante a puberdade; Relações entre espiritualidade e sexualidade, e como afetam percepções e vivências; A violência sexual como marco na identidade, destacando seus impactos traumáticos; Autodescobertas sobre sexualidade e identidade a partir das vivências pessoais e de outras pessoas.</p>
<p>ES na Sociedade: Opiniões gerais e experiências sobre a Educação Sexual.</p>	<p>Enfrentamento de desafios a partir da influência de contextos culturais e sociais em ES; Importância da prevenção e promoção da saúde como justificativa para ES; Desconhecimento sobre políticas públicas disponíveis; Barreiras para aplicação, que incluem falta de recursos e resistência cultural; Insatisfações com ES, que refletem críticas sobre a eficácia e acessibilidade dos programas existentes.</p>
<p>Percepções da Experiência com ES: Impactos e opiniões sobre Educação Sexual baseadas na vivência pessoal.</p>	<p>As percepções a partir da profissão refletem como a experiência profissional influencia a compreensão da ES; As lacunas na aprendizagem de sexualidade destacam ineficácias no ensino sobre o tema; Os impactos negativos da experiência com ES abordam consequências indesejadas, enquanto os impactos positivos ressaltam os benefícios, como maior conscientização e prevenção.</p>

Fonte: autoras, 2025

Em um primeiro momento, destaca-se que as percepções sobre as experiências pessoais são diversas, abarcando percepções tanto positivas quanto negativas. A presença de percepções positivas em Educação Sexual pode parecer dissonante com a literatura sobre o tema, que ditam lacunas no diálogo entre pais e filhos, a necessidade de reajustar a instrução dos educadores sobre a temática, além da pouca procura por orientação sexual na área da saúde (Pereira et al. 2024). No entanto, as percepções positivas aparecem principalmente atreladas às experiências informais de aprendizado (troca entre amigos e colegas, pesquisas na internet e através das mídias sociais), ao passo que as experiências negativas surgem atreladas às experiências formais de aprendizado (escola e família). Desse modo, entende-se que as percepções positivas estão associadas às experiências de Educação Sexual consideradas efetivas, ao passo que as percepções negativas estão associadas às experiências de pouco aprendizado.

Para além do destaque das experiências informais como mais efetivas no aprendizado, outro ponto destacado nas entrevistas foi a descontinuidade e superficialidade nas discussões sobre a temática. A abordagem do tema no contexto familiar aconteceu a partir de demandas ou marcos de desenvolvimento (ex: início da menstruação, primeiro relacionamento afetivo, início da puberdade, etc), com

intervenções pontuais que, uma vez dissolvidas, não geraram continuidade nas conversas. Em consonância com esse achado, Luciane Vicente (2024) ressalta em seu estudo que a descontinuidade e a presença de conteúdos rasos de Educação Sexual se dá não apenas enquanto uma ausência passiva de políticas que abordem o tema, mas através de movimentações ativas do Movimento Escola sem Partido que tensionou a formulação da BNCC para retirar do currículo termos como “gênero”, “orientação sexual”, além de perspectivas mais reflexivas sobre diversidade sexual, por acreditar que esses temas incitam práticas sexuais entre os jovens.

A ausência da estrutura curricular que abarque tais temáticas reflete não só no currículo em si, mas também na ausência de políticas adjacentes. Em revisão de literatura sobre o tema (Morais; Guimarães; Menezes, 2021), um dos principais aspectos apontado é a sensação de despreparo e insegurança profissional vivenciada por professores para abordar a temática, restando a eles preencher tais lacunas com os conhecimentos pessoais. Essa postura acaba minando o diálogo entre professor e aluno, incidindo em condutas mais tímidas em sala de aula, ou marcadas pela ausência desse debate, contribuindo também para essa descontinuidade e falta de profundidade das discussões (Aline Souza; Débora Milani, 2020).

Não à toa que, ao se tratar das percepções amplas em Sexualidade e Educação Sexual, há uma predominância de percepções negativas das pessoas participantes sobre o cenário atual brasileiro e nas escolas. Todas expressaram descontentamento com o cenário social e escolar, estando atrelado, muitas vezes, com uma descrença na possibilidade de mudança:

“Eu acho que é um caminho muito longo, que a gente tem uma sociedade bem conservadora. Acho que às vezes a gente começa, a gente acha que a gente está avançando, mas aí começa a discutir muito assunto retrógrado, e acho que vai ser um pouco difícil mudar.”
(Participante 4)

Além do aumento da sensação de desesperança, destaca-se ainda que nenhum dos entrevistados relatou que conhecia políticas públicas sobre o assunto. Apenas dois participantes desenvolveram essa resposta, trazendo participações próprias em iniciativas populares e estudantis na temática. Apesar do número reduzido de participantes, a relação entre esses dois fatos - desesperança e desconhecimento - corrobora com a ideia de que as políticas em Educação Sexual pouco alcançam a juventude do Distrito Federal, e, desse modo, também pouco contribuem com as verdadeiras demandas desses jovens.

Nessa perspectiva, cabe ao jovem procurar e organizar essas informações por conta própria, seja em perspectivas individuais através da internet e com amigos, ou em perspectivas coletivas através de iniciativas estudantis. Apesar das iniciativas populares de formação se configurarem como lugar de importante potência, Paulo Freire (2001) aponta que, diante da omissão do Estado, comunidades populares criam escolas com recursos limitados, obtendo algumas verbas públicas. Esse processo resulta na acomodação do Estado na promoção de mudanças, sendo necessário, portanto, que os movimentos populares continuem pressionando o Estado de forma concomitante à formação de suas próprias escolas.

Nesse sentido, em relação às políticas de educação como um todo, destaca-se a importância de contraposição aos movimentos conservadores, e a necessidade de continuar a tensionar o Estado acerca da qualidade das políticas em Educação Sexual que vêm sendo ofertadas para jovens. A construção de políticas públicas direcionadas para o tema aproximam as possibilidades de uma Educação Sexual democrática.

Pistas para a educação sexual (Categoria 3)

Talvez até mais uma roda de debate, não tanto uma aula, um debate mesmo para que eles trouxessem as curiosidades deles (alunos) e ali fosse discutido sobre.

(Participante 11)

Representando 19% do corpo textual, esta categoria foi a menos extensa. Nela são encontradas diferentes abordagens para a Educação Sexual, com base nas limitações ou lacunas identificadas nas práticas tradicionais. Ela traz as proposições das pessoas participantes para modelos alternativos de Educação Sexual, que ofereçam perspectivas alinhadas às expectativas das participantes do que gostariam de ter vivenciado ou do que gostariam que as próximas gerações vivessem. Esta categoria busca explorar como a Educação Sexual pode ser melhorada para promover uma compreensão mais profunda e crítica da sexualidade, favorecendo a formação de sujeitos mais conscientes em relação às suas experiências e autonomia em sexualidade.

Nessa categoria, foram encontradas 4 subcategorias, seguindo a lógica de intervenções psicossociais: (1) Espaço, (2) Facilitadores, (3) Metodologia e (4) Conteúdo. Foi possível perceber sugestões de temáticas que ultrapassam aspectos biológicos, contemplando questões de sexualidade LGBTQIAP+ e identidade de gênero. Além disso,

foi destacada a importância e necessidade de preparação para atuar na mediação em Educação Sexual, sendo essencial que haja um domínio profissional de uma pluralidade de conteúdos que podem circundar a sexualidade. Por fim, também foi citado que a Educação Sexual deve ser realizada nos mais diversos contextos, como na família, comunidade próxima, escola e afins. A Tabela 4 apresenta as descrições e conteúdos encontrados nessa categoria.

Tabela 4 : Categoria “Pistas para a educação sexual” e suas subcategorias.

Categoria 3 - Pistas para a educação sexual	
Subcategorias	Descrição
Conteúdo: conteúdos a serem abordados em práticas de ES.	Aborda temáticas essenciais para uma ES abrangente, incluindo temáticas de gravidez e parentalidade, prevenção e proteção de sujeitos, autonomia nas escolhas em sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero, aspectos da fisionomia e anatomia humana, multiplicidade das formas de realizar o ato sexual, como lidar com situações de violência sexual e malefícios do consumo pornográfico. Esses eixos promovem conhecimentos sobre saúde, diversidade, respeito, prevenção e relações, contribuindo para uma formação integral e consciente sobre sexualidade.
Facilitadores: características das pessoas facilitadoras (tanto aspectos técnicos quanto habilidades sociais).	Destaca a necessidade da atuação dos mais diversos profissionais da saúde, a necessidade de preparo teórico dos facilitadores de ES, o papel da família como facilitadora e a contribuição da comunidade próxima. Esses elementos, quando integrados e bem preparados, ampliam o acesso a informações e apoio, garantindo uma ES mais efetiva e contextualizada.
Metodologia: formas alternativas de Educação Sexual (formatos de intervenção, instrumentos de mediação, etc.)	Enfatiza a adaptação do conteúdo conforme a fase do desenvolvimento e sua integração transversal no currículo escolar, uso de recursos como materiais didáticos, tecnologias e atividades lúdicas para tornar o aprendizado mais dinâmico. Aborda perspectivas críticas e autônomas, incentivando a reflexão e a tomada de decisões conscientes. São apresentados modelos expositivos, focados na transmissão de informações, e modelos interativos, que promovem a participação ativa. Por fim, reforça a necessidade de uma ES contínua ao longo da vida.
Espaço: locais onde a ES pode ser realizada.	Explora a sugestão de múltiplos espaços para a ES, como na comunidade interna, ampliando o alcance desse processo educativo. Também destaca a escola como um ambiente central e formal para a abordagem da ES, de forma transversal e inclusiva. Por fim, enfatiza o papel da família como espaço fundamental para o diálogo e a formação de valores sobre sexualidade, complementando os demais contextos.

Fonte: autoras, 2025

A partir dos resultados presentes nas subcategorias “conteúdo” e “facilitadores” é possível notar que os participantes apontam que gostariam de uma Educação Sexual que contemple tanto os aspectos sociais da sexualidade quanto os biológicos. Conforme o estudo de revisão sistemática de Burchard, Barbosa e Copetti (2020), os temas mais abordados nas ações de Educação Sexual nas escolas são de cunho biologizante. Conclui-se que é necessário um maior conhecimento de professores sobre as outras dimensões da

sexualidade que não as biológicas, uma vez que a Educação Sexual deve ser um espaço também de expressão de sentimentos, reflexão ativa sobre tabus e criação de conhecimentos em conjunto com os alunos. Corroborando essa ideia, tem-se a seguinte fala: “(...) não é sobre falar só do espermatozoide entrando, encontrando o ovário, não sei o que não sei o que lá, acho que podia ser um negócio mais sobre a experiência, né?” (Participante 1)

Além da inserção de temáticas sociais e culturais enquanto sugestão na Educação Sexual, também foi discutido sobre a importância de um maior preparo das(os) profissionais ou famílias que tratam sobre as temáticas de sexualidade. Muitas vezes, principalmente quando se trata de temáticas de orientação sexual e gênero, os agentes de Educação Sexual se baseiam em perspectivas estereotipadas, dificultando discussões saudáveis acerca da temática, além de possivelmente perpetuar visões equivocadas e preconceituosas (Maria Oliveira et al., 2023). Paralelo a isso, o estudo de Eliseu, Yared e Mendes buscou investigar como a sexualidade e a saúde sexual são abordadas em uma escola de ensino fundamental com o uso de questionários direcionados a professores. A pesquisa apontou que a maioria dos docentes se sentem despreparados para abordar as temáticas de Educação Sexual na sala de aula, além de evidenciar que as temáticas de sexualidade são tratadas de forma oculta na escola, ou seja, informal e sem preparo. Os participantes da presente pesquisa enfatizam a importância de um preparo para que a Educação Sexual esteja presente em todas as fases do desenvolvimento, além da necessidade de uma conduta ética, como mencionado nas seguintes falas:

“Então acho que em ambas as idades depende de quem apresenta aquilo, se for um profissional bem capacitado, em todas as idades se faz necessário.”(Participante 3)

“Primeiro, de que a pessoa que estivesse mediando isso, que ela estivesse tivesse uma formação ética e crítica sobre o assunto para não acabar só reproduzindo preconceitos, né?” (Participante 6)

O papel da família como facilitadores de Educação Sexual também apareceu em destaque nas sugestões dos participantes. A família pode ser um dos principais meios pelos quais o sujeito aprende sobre Educação Sexual. As informações que são passadas nesse âmbito podem ser essenciais para evitar possíveis complicações relativas à sexualidade no futuro (Ana Sá et al., 2023). Por fim, tem-se como uma das subcategorias a sugestão de metodologias para intervenções de Educação Sexual. Além da falta de

preparo teórico por parte dos agentes de Educação Sexual, existe ainda uma tendência de ter as aulas expositivas como único recurso para Educação Sexual, assim como é mencionado pelos participantes desta pesquisa. Nayara Barbosa et al. (2022), em seu estudo, apontam que o uso de metodologias alternativas foram positivas para a implementação de Educação Sexual no programa educacional chamado “Pequeno Cientista”. As metodologias que utilizaram jogos, teatro e afins contou com a participação ativa dos jovens participantes na intervenção, gerando uma maior apropriação dos conhecimentos abordados na intervenção. A relevância de tais metodologias foram citadas pelos participantes, destacando o uso de tais ferramentas, assim como na seguinte fala:

“Até de literatura infantil, sabe. Gente, nossa, se você entra nesse...se você tem um livro sobre isso, isso com certeza é uma coisa que é muito válida (..) se você tem esse tipo de conversa com essas crianças, elas crescem de uma maneira muito mais abertas a esse tema, sabe?”
(Participante 5)

Portanto, percebe-se, a partir das falas dos participantes nesta categoria e em estudos mencionados, que existe uma necessidade da inclusão de conteúdos que partam de uma perspectiva plural e contextualizada. Nesse sentido, a abordagem de temáticas como sexualidade e cultura, dimensões de gênero e orientação sexual se tornam benéficas na aplicação de Educação Sexual. Ademais, o preparo profissional, tanto para abordar as temáticas sugeridas que envolvem a multiplicidade da sexualidade, quanto para abordar temáticas mais tradicionais de ordem biológica se faz necessária, evitando possíveis equívocos e promovendo um espaço seguro para discussões. Percebe-se também um desejo por parte dos jovens entrevistados nesta pesquisa da possibilidade do uso de metodologias alternativas à aula expositiva, tendo como base o maior engajamento dos alunos em tais abordagens e das vantagens que resultam nesse engajamento. Por fim, conclui-se que se torna relevante repensar as maneiras de aplicar Educação Sexual, além da reformulação de conteúdos junto ao preparo dos profissionais/famílias para a abordagem de temáticas sobre sexualidade.

Implicações para prática e pesquisa

O período da adolescência e da adultez jovem é tradicionalmente descredibilizado, sendo entendido como um período de rebeldia sem motivo ou de pouco

entendimento sobre o mundo (Silva; Alberto, 2022). Nesse processo, é comum que narrativas e falas desses jovens sejam invisibilizadas, com suas opiniões e leituras sociais invalidadas. Em um panorama transversal das categorias, o primeiro ponto destacado é a forte presença da categoria Percepções sobre Sexualidade e Educação Sexual e o surgimento da categoria Pistas para a Educação Sexual entre os participantes. Essas categorias convergem com a literatura que destaca a juventude como importante ponto de inflexão das normas, contrastando a ideia de “rebeldia juvenil” com a de resistência social (Maria Machado; Lilian Cruz, 2021).

No âmbito da sexualidade, como aponta Louro (2019), as perspectivas de educação da população como um todo geralmente são pautadas na normatização dos corpos, buscando o controle social a partir da binarização dos gêneros, heteronormatização e opressão racial. Nesse sentido, o protagonismo juvenil nas pautas de Educação Sexual demarca uma forma de resistência, pois contradiz as tentativas de subordinação dentro de ambientes tradicionalmente hierarquizados, como a escola (Cristiana Valença; Keila Carvalho, 2021) e a família.

Nesse sentido, como segundo ponto transversal reitera-se a percepção negativa da eficácia das experiências em Educação Sexual das pessoas entrevistadas nesta pesquisa. Os relatos de experiências - desalinhadas com as necessidades, intervenções espaçadas e abordagens centralizadas em aspectos biológicos e biologizantes - convergem com o surgimento da categoria Pistas para a educação sexual, onde as sugestões apresentadas se fazem a partir das lacunas percebidas nas experiências formais vividas, e se relacionam com as experiências de aprendizagem vivenciadas por vias alternativas, como a sugestão da implementação de metodologias como filmes e séries, que também são apresentadas como importantes fontes de aprendizado em seus próprios processos alternativos.

Tais relatos evidenciam a necessidade de reavaliar as práticas de Educação Sexual nas políticas públicas como um todo. Destaca-se, por exemplo, as políticas educacionais sobre a temática, que, como anteriormente apresentadas, têm enfrentado barreiras ativas do movimento Escola sem Partido, que disseminam a ideia da Educação Sexual como conteúdo “impróprio” para o ambiente escolar. No entanto, a Educação Sexual escolar é um importante fator desenvolvimental, apontada pela literatura como aspecto de prevenção e promoção da saúde (Aline Abreu et al. 2023).

Para além da área escolar, outra área presente na fala dos participantes é a área da saúde. As experiências em saúde ocorreram, em geral, em contextos de necessidade de recuperação em saúde. Isto é, experiências de aprendizado em Educação Sexual a partir

de situações de doenças e problemáticas relacionadas à sexualidade. Essa perspectiva contrasta com a sugestão de agentes de saúde como facilitadores de intervenções de Educação Sexual, uma vez que a definição de Educação Sexual focava principalmente na prevenção e promoção.

Tal perspectiva coaduna com o cenário atual das políticas em saúde, determinadas por documentos como as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde (Brasil, 2010), que orientam o trabalho sobre o tema nos territórios e a implementação de ações nos serviços, evidenciam a tendência de prevalência no foco na prevenção, versando sobre temas como gravidez na adolescência e transmissão de ISTs, além de um quantitativo menor de aspectos que focam na prevenção de violências sexuais.

Materiais mais recentes do Ministério da Saúde têm apontado para uma direção mais próxima das sugestões apresentadas pelas participantes da pesquisa, e defendidas também neste estudo. O documento Proteger e Cuidar da Saúde de Adolescentes na Atenção Básica (Brasil, 2017) e a cartilha “Caminhos para a construção de uma Educação Sexual transformadora” (Brasil, 2024) abrangem uma perspectiva mais ampla de sexualidade, destacando a importância da autonomia e protagonismo das pessoas em aprendizado frente à tomada de decisões sobre sua própria sexualidade, além do destaque para aspectos de gênero, raça e orientação sexual nesses processos. No entanto, tais materiais ainda possuem uma presença tímida no âmbito da implementação, não sendo documentos normativos ou resolutivos.

Tal cenário reforça novamente a divergência entre os modelos sugeridos pelos participantes como práticas para a Educação Sexual e as possibilidades concretas do presente para a implementação destas. A divergência entre tais perspectivas aponta uma postura de silenciamento do poder público com a temática da sexualidade no âmbito da juventude, que compactua com as desigualdades das práticas em sexualidades destes jovens e uma manutenção dos ciclos de vulnerabilização na sexualidade da população como um todo.

Considerações Finais

A Educação Sexual deve ser reconhecida como um eixo central na promoção dos direitos humanos. Nesse processo, é fundamental considerar a perspectiva das pessoas a quem essas ações são endereçadas. O presente estudo acessou a percepção de jovens

adultos sobre suas trajetórias em Educação Sexual, evidenciando vivências, percepções sobre sexualidade e Educação Sexual, além de sugestões de caminhos para atuações. Acredita-se que esses dados podem contribuir para embasar intervenções que dialoguem cada vez mais com as demandas e necessidades de jovens. Apesar da descrença das pessoas participantes da pesquisa na melhoria das políticas de Educação Sexual, elas reforçam a importância de sua implementação, elucidando a esperança potencializadora de mudanças.

Ao destacar e definir a Educação Sexual como essencial não apenas para a prevenção de violências, mas também para a promoção de autoconhecimento e fortalecimento de relações saudáveis com a sexualidade, as pessoas participantes da pesquisa pavimentam outras possibilidades para o campo. A Educação Sexual que parte de uma compreensão de processos sexuais, integrando perspectivas históricas, sociais e interseccionais, pode ampliar possibilidades de processos criativos e inventivos tanto dentro de espaços escolares como fora deles. É urgente que o campo avance no que se refere à atenção e garantia de direitos de pessoas sexo-gênero diversas. A Educação Sexual tem um papel importante nesse processo. Ademais, os achados do estudo também lançam luz sobre a relevância de formulação e aprimoramento de políticas que articulem, de maneira integrada, família, escola e instituições de saúde, a fim de garantir um cuidado integral à saúde sexual de adolescentes e jovens adultos.

Em estudos futuros, é importante realizar uma análise interseccional mais aprofundada para compreender como que os marcadores sociais de diferença e desigualdade (tais como gênero, classe, raça, orientação sexual, dentre outros) constituem as experiências e trajetórias de jovens em relação à Educação Sexual, assim como para fundamentar atuações nessa área. Sugere-se, ainda, que pesquisas futuras explorem práticas exitosas na área.

Referências

ABREU, Aline Miranda et al. Saúde Sexual e Reprodutiva como estratégia de promoção de saúde no ambiente escolar. *Saúde em Redes*, v. 9, n. 2, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2023v9n2.4065>. Acesso em: 24 Mar 2025.

ANDRADE, Alcilene Lopes de Amorim; RICARDO, Hemanuely Teixeira; SANTOS, Jéssica Bruno. Sexualidade na Adolescência: como escola e família tem lidado com este tema? *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, v. 10, n. 1, 31 ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.61164/rmm.v10i1.1552>. Acesso em: 24 Mar 2025.

BARBOSA, Nayara Gonçalves et al. Educação sexual na adolescência: relato de experiência de três anos no Programa Educacional Pequeno Cientista. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, Brasil, v. 13, n. 3, p. 277–290, 2022. DOI: 10.36661/2358-0399.2022v13n3.12488. Disponível em: <https://doi.org/10.36661/2358-0399.2022v13n3.12488>. Acesso em: 24 mar. 2025.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Caminhos para a construção de uma Educação Sexual transformadora*, 2024. Disponível em: <https://11nk.dev/mwMe2>. Acesso em: 24 Mar 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde*, 2010. Disponível em: <https://acesse.one/jt9vR>. Acesso em: 24 Mar 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica*, 2017. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publicacoes/proteger_cuidar. Acesso em: 24 Mar 2025.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2. pp. 77-101, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 24 Mar 2025.

BURCHARD, Camila Pereira; BARBOSA, Luciana Uchôa; COPETTI, Jaqueline. Teaching practice on the topic of sexuality: a systematic review. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4993>. Acesso em: 24 Mar 2025.

BUENO, José de França. Unidade 4: Métodos Qualitativos. In: BUENO, José de França (Org). *Métodos quantitativos, qualitativos e mistos de pesquisa*. Rio de Janeiro, Departamento de Biblioteconomia, FACC, p. 123-168, 2018.

CAMPOS, Guilherme Soares et al. *Análise do consumo de pornografia em uma amostra da população brasileira como base para educação sexual*. *Revista Contemporânea*, v. 3, n. 10, p. 19173–19190, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV3N10-136>. Acesso em: 24 mar. 2025.

CAMPOS, Isabella do Couto; MIRANDA, Jean Carlos. Educação sexual nas escolas: uma necessidade urgente. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 12, n. 34, p. 108-126, 2022. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7151234>. Acesso em: 24 Mar 2025.

DANZMANN, Pâmela Schultz et al. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 11, e3981, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2022.3981>. Acesso em: 24 Mar 2025.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. *Educar em Revista*, p. 77-87, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602007000200006>. Acesso em: 24 Mar 2025.

ELISEU, Murilo Martins.; YARED, Yalin Brizola; MENDES, Patrícia de Oliveira e Silva Pereira. Reflexões sobre saúde sexual e sexualidade: abordagens práticas e a

compreensão de professores do ensino fundamental II. *Horizontes*, [S. l.], v. 40, n. 1, p. e022025, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v40i1.1319>. Acesso em: 24 Mar 2025.

FIGUEIREDO, Mirielli Louveira de. Educação sexual e reprodutiva para adolescentes na atenção primária: uma revisão narrativa. *Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde*, v. 24, n. 1, p. 82-87, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17921/1415-6938.2020v24n1p82-87>. Acesso em: 24 mar. 2025.

FIRME, Laura Santos *et al.* *Revista Brasileira de Revisão de Saúde*, v. 6, n. 6, pág. 31877-31883, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n6-409>. Acesso em: 24 Mar 2025.

FRANCO-ASSIS, Greice Ayra; SOUZA, Ediane Eduão Ferreira de; BARBOSA, Adriane Gonçalves. Sexualidade na escola: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC / Sexuality in school: challenges and possibilities beyond PCNS and BNCC. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 2, p. 13662-13680, 2021. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-130>. Acesso em: 24 Mar 2025.

FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FURLANETTO, Milene Fontana *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa* v. 48, n. 168, 2018. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/5084>. Acesso em: 24 Mar 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, género y sexualidad. Lo “normal”, lo “diferente” y lo “excêntrico”. *Descentrada*, v. 3, n. 1, e065, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/25457284e065>. Acesso em: 24 Mar 2025.

MACHADO, Maria Sodrê; CRUZ, Lílian Rodrigues da. Corpos Insubmissos: A Produção do Sujeito Anormal e a Resistência das Juventudes nas Instituições e Periferias. *Revista Mosaico - Revista de História, Goiânia*, v. 14, n. 2, p. 82–93, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/mos.v14i2.8638>. Acesso em: 24 Mar 2025.

MARQUES, Humberto Rodrigues *et al.* Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. *Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior (campinas)*, v. 26, n. 3, 718–741, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000300005>. Acesso em: 24 Mar 2025.

MATTIONI, Fernanda Carlise *et al.* Práticas de promoção da saúde como resistência e contraconduta à governamentalidade neoliberal. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, pp. 3273-3281, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022278.23902021>. Acesso em: 24 Mar 2025.

MORAIS, Nívea Aparecida Alves de; GUIMARÃES, Zara Faria Sobrinha; MENEZES, João Paulo Cunha de. Educação sexual: as percepções dos professores de biologia do ensino médio. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 135–

156, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.395>. Acesso em: 24 Mar 2025.

NELSON, Larry J. The theory of emerging adulthood 20 years later: a look at where it has taken us, what we know now, and where we need to go. *Emerging Adulthood*, v. 9, n. 3, pp. 179–188, 2021. <https://doi.org/10.1177/2167696820950884>

OLIVEIRA, Maria Fernanda Celli de. et al. Quem deve falar de sexualidade na infância? A contradição do discurso entre a responsabilidade da família e da escola encontrado nas falas de agentes escolares. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 2634–2655, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/cuadv15n3-033>. Acesso em: 24 mar. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Saúde Sexual, direitos humanos e a lei, 2015. Disponível em: <https://www.who.int/pt/publications/i/item/9789241564984>. Acesso em: 24 Mar 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>. Acesso em: 1 Abr 2025.

PEREIRA, Beatriz Carneiro et al. Desafios e possibilidades da Educação Sexual nas escolas: uma revisão de literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 9, p. 1752-1765, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i9.15604>. Acesso em: 24 Mar 2025.

PINHO, Everton; PARIZ, Juliana. Percepção de jovens adultos sobre orientação sexual, identidade de gênero e educação sexual: um estudo transversal. *SciELO Preprints*, 2024. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/9193>. Acesso em: 28 jun. 2025.

SÁ, Ana Dalva Queiroz de et al. Challenges faced by health professionals regarding sex education in adolescence: a supplementary inquiry. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 12, n. 5, p. e13912541643, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i5.41643>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SILVA, Ana Cristina Serafim da; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. A Garantia dos Direitos Infantojuvenis a partir da Concepção de Infância e Adolescência. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 22, n. 2, p. 687-708, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.6864>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SOUSA, Diogo; IRIART, Jorge. “Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, n. 10, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00036318>. Acesso em: 24 Mar 2025.

SOUZA, Andressa Pereira; MURGO, Camélia Santana. Brazilian Emerging Adults: Scoping Review. *Trends in Psychology*, v. 32, n. 3, pp. 909–945, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s43076-022-00164-9>. Acesso em: 28 Jun 2025.

SOUZA, Aline Patrícia.; MILANI, Débora Raquel Da Costa. Como pais lidam frente à necessidade de orientação sobre sexualidade nas escolas. In: ROCHA, Aline Rodrigues Alves; SILVA, Diego.; JORGE, Wellington Júnior (org). Da educação básica ao ensino superior: Os desafios dos docentes no século XXI. 1 ed. Maringá: Uniedusul, p. 72-78, 2020. Disponível em: <https://www.uniedusul.com.br/publicacao/da-educacao-basica-ao-ensino-superior-os-desafios-dos-docentes-no-seculo-xxi/>. Acesso em: 25 Mar 2025.

TAQUETTE, Stella R. Interseccionalidade de Gênero, Classe e Raça e Vulnerabilidade de Adolescentes Negras às DST/aids Saúde e Sociedade, v. 19, n 2, pp. 51-62, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406263687006>. Acesso em: 01 Abr 2025.

VICENTE, Luciane Da Silva. A Educação Sexual nas Diferentes Versões da Base Nacional Comum Curricular: Da Abertura ao Silenciamento em torno da Temática. *Educação Em Revista*, v. 40, n.1, e45439, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469845439>. Acesso em: 25 Mar 2025

VALENÇA, Cristiana Rosa; CARVALHO, Keila Lucio. Gênero, sexualidade e protagonismo juvenil: relato de uma experiência no CEFET-RJ. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, v. 1, n. 20, e10516, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/rbept.2021.10516>. Acesso em: 1 abr. 2025.

VIÇOSA, Cátia Silene Carrazoni Lopes et al. Saúde do adolescente e Educação Sexual na escola: tecituras a partir das perspectivas dos estudantes. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 6, e197963613, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i6.3613>. Acesso em: 24 Mar 2025.

ZARO, Jadir; CUSTÓDIO, André Viana. Agir participativo e comunicativo: fundamentos filosóficos e legais da participação da criança e do adolescente nas políticas públicas. *Revista Brasileira de Sociologia do Direito*, v. 6, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21910/rbsd.v5n3.2019.330>. Acesso em: 24 Mar 2025.

ZILLER, Joana; BARRETOS, Daiane Do Carmo; XAVIER, Kellen do Carmo. O papel pedagógico da mídia no dispositivo da sexualidade. *Esferas*, v. 1, n. 27, p. 1-24, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/esf.v1i27.14392>. Acesso em: 24 Mar 2025.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em julho de 2025.